

Cláudio Moreno

O PRAZER DAS PALAVRAS

Não compre o novo VOLP!

Plutarco nos conta, em suas *Vidas Paralelas*, que Catão fazia uma campanha cerrada para que Roma destruísse de uma vez por todas os cartagineses, e para isso sempre encerrava seus discursos com uma frase que ficou famosa: *ceterum censeo Carthaginem esse delendam* (algo como "além disso, acho que Cartago deve ser destruída"). Como não consigo me conformar com a passividade ovina com que a nova ortografia vem sendo recebida no Brasil, pensei em imitar o venerável senador romano e concluir todos os meus artigos com uma frase que levasse meus leitores a perceber o oportunismo e a incompetência do Acordo. Eu já estava me ensaiando nesta cruzada quando, sem dizer água-vai, a Academia literalmente nos atropelou com a publicação do seu *Vocabulário Ortográfico*, cujos responsáveis um dia serão castigados por infligir ao nosso pobre idioma **um dano ainda maior** que os prejuízos causados por esta reforma infeliz. Em outras palavras, o Acordo foi a queda, o VOLP foi o coice.

Não vou tentar fazer uma lista completa de todos os problemas que ali existem; a experiência me ensinou que essa é uma estratégia ruim, pois o número excessivo de detalhes técnicos termina anestesiando o leitor, impedindo que ele distinga, no meio de todas as mudanças propostas, aquelas que realmente vieram atrapalhar sua vida. Por isso mesmo, vou me limitar a poucas (mas graves) denúncias.

1 — A grande justificativa dada pelos defensores do Acordo sempre foi a **unificação** da Português (não vou discutir se é possível ou não, desejável ou não, importante ou não; estou aqui para falar do **VOLP**). Foi em torno deste nobre objetivo que os países lusófonos se reuniram, dispostos a investir muito tempo (e muito dinheiro) para alcançá-lo; nada mais natural, portanto, que o Acordo, já no seu Artigo 2º, declare expressamente que todos os países signatários tomarão as providências necessárias para elaborar "um **vocabulário ortográfico comum** da Língua Portuguesa, tão completo quanto desejável". É justo, dirá o meu leitor; afinal, quem quer os fins dá os meios, e a existência desse núcleo duro, comum a todos os países que falam a língua de Eça e de Machado, servirá de base para os dicionários, gramáticas e corretores de texto que vão nascer com a Nova Ordem.

Foi imbuída desse puro espírito fraternal que a simpática Academia Galega, ainda esta semana, entregou à Academia de Ciências de Lisboa uma relação do léxico comum aos portugueses e galegos; ao receber o vocabulário, o responsável pelo Instituto de Lexicografia ressaltou a importância desse tipo de contribuição para a elaboração de um documento de base, que ainda mais se enriquecerá quando todas as regiões lusófonas,

de Cabo Verde a Timor-Leste, fizerem o mesmo. Perfeito! Se você aguçar bem o ouvido, prezado leitor, não deixará de ouvir, ao fundo, o som das harpas e o cantar dos anjos.

2 — Ora, os portugueses que defendiam o sonho da unificação não perceberam com quem andavam a fazer acordos e caíram na esparrela. Não tinham a menor idéia da perversa arrogância do brasileiro de hoje, metido a malandro, matreiro, astucioso (o velho complexo de inferioridade invertido), que se acha mais esperto que qualquer estrangeiro, mais sabido que qualquer professor ("Meu mulato **inzoneiro**", como diz Ary Barroso, na *Aquarela do Brasil* — leia-se, "que é sonso, manhoso, enredador"). Quando Portugal abriu os olhos, já estávamos com o nosso **Vocabulário Ortográfico** pronto, publicado e à venda por módicos R\$120,00 (mais sobre isso, depois). O ingênuo europeu ainda perguntou, timidamente: "E o vocabulário **comum**, como fica?". Nossa Academia, ou por estultice ou por esperteza (tanto faz, pois a vergonha que sinto é a mesma!), respondeu candidamente que o **vocabulário comum** estava pronto, só faltava agora o vocabulário ortográfico de nomes **próprios** — ou seja, fingiu não entender que, neste caso, o adjetivo **comum** significa "compartilhado, pertencente a todos". A esta altura, caro leitor, você está olhando incrédulo para estas linhas. "Ah, essa não! Não acredito! Nossa Academia não faria isso!". Pois fez. E pior: como a pergunta continuasse no ar, o responsável pela elaboração do VOLP, nosso bom Evanildo Bechara (que era considerado, até então, o gramático de referência do Brasil atual), teve a coragem de declarar, em entrevista à *Folha de São Paulo*, que os especialistas portugueses não foram consultados porque "em nenhum momento o Acordo fala em vocabulário comum. O VOLP, portanto, é brasileiro, e os outros países de Língua Portuguesa poderão criar os seus" — o que levou do Silvas Filho, ardoroso defensor do Acordo lá na terra de nossos avós, declarar, há poucas semanas: "Agora sinto-me perplexo, com o receio de que, efectivamente, esteja à vista uma mudança com perda da nossa identidade nacional na língua". Só agora, digníssimo? Boneca Teresa!

(a novela continua)

[publicado em ZH, 16-05-2009]

Cláudio Moreno

O PRAZER DAS PALAVRAS

Não comprem o novo VOLP (2)

O assunto da coluna anterior foi a estranhíssima pressa com que nossa Academia lançou o seu *Vocabulário Ortográfico*, elaborado por uma comissão que, além de não ter representatividade alguma no meio cultural e acadêmico, não inclui — afora seu presidente, Evanildo Bechara — nenhuma reconhecida autoridade em nosso idioma. Estranhíssima, por quê? — há de perguntar o leitor que está chegando agora ao baile; estranhíssima, digo eu, porque esta desastrada publicação veio implodir a própria essência do Acordo, que era (alguém ainda se lembra desta peta?) a **unificação da Língua Portuguesa**, aquele sonho celestial que atraiu muita gente de boa fé, tanto aqui quanto além-mar! Ébrios de tanta utopia, os neoconvertidos já enxergavam, ao longe, a luz celestial do futuro prometido: o Português seria finalmente unificado em todos os países lusófonos, aumentando assim o seu poder político e conquistando o direito de ingressar no elenco das línguas oficiais da ONU; os livros editados aqui seriam vendidos na África, os livros editados na África seriam vendidos aqui, e em Portugal, e em qualquer outro rincão debaixo do sol em que se fale o idioma de Camões. Os que se opunham ao Acordo e o chamavam de inútil e fantasioso eram apedrejados pela multidão, acusados de "retrógrados", "conservadores" e "colonialistas", entre outras pérolas. Era inútil; repetia-se, com a devida alteração, o maroto dito popular: água morro abaixo, fogo morro acima e tolo que quer se iludir, ninguém há de segurar...

Pois não é que a Academia Brasileira de Letras, sem tir-te nem guar-te, decidiu publicar um *Vocabulário Ortográfico* sem consultar ou ouvir os demais países interessados? Mas como? Não deveria ser um esforço comum? Não íamos todos dar as mãos para um mundo melhor, como recomendam as redações escolares? Pois não foi o que se viu. As autoridades brasileiras que se manifestaram quando o *Vocabulário* foi concluído quase não podiam conter o seu ufanismo: nada mais natural que tivéssemos saído na frente! Afinal, mais de 80% dos 230 milhões de falantes do Português vivem aqui na Pindorama, o que autoriza o Brasil a ser o puxador da escola de samba, a locomotiva do comboio, a São Paulo do mundo lusófono; *non ducor, duco* ("não sou conduzido, conduzo"), dizia, em Latim, o lema fascista cunhado por D'Annunzio. (Ao que eu, com meu habitual espírito de porco, poderia redarguir: mas a levar adiante esse raciocínio de brucutu — manda quem tiver o porrete maior —, por que não obrigamos, simplesmente, os demais países a escrever como **nós** temos feito desde 1943? Seria bem mais simples e mais barato — para **nós**!)

Quando um jornalista perguntou se este **VOLP** isolado não se chocava frontalmente contra o espírito do Acordo, o professor Bechara simplesmente respondeu que os demais países deviam fazer o mesmo e lançar cada um o seu — o que resultaria, se chegasse a ser feito, em **sete** vocabulários ortográficos diferentes. Ou seja, não só deixaria de haver a propalada unificação (era só uma bravata de campanha, não vêem?), como ficaria ainda muito pior do que estávamos até o ano passado; haveria sete maneiras diferentes de grafar nossas palavras! E o Brasil todo — as universidades, os especialistas e, principalmente, a imprensa — aceitou que lhe enfiassem goela abaixo (ou por outra via...) este absurdo quase sem gemer! Aqui e ali alguma voz isolada denunciou o disparate cometido, mas, com um fatalismo bocó, a maioria dos brasileiros deu o fato como consumado e passou a se preocupar apenas em aprender a escrever novamente. Surgiram livrinhos oportunistas explicando o novo sistema, os jornais publicaram guias práticos e resumidos, organizaram-se cursos-relâmpago sobre o tema — tudo para permitir que nosso falante pudesse experimentar o prazer da nova ortografia sem sentir muita dor. Vários pontos do Acordo ainda estavam obscuros, mas os seus sacerdotes insistiam no mesmo mantra: o **VOLP** virá; **ELE** deixará tudo mais claro.

Pois ELE veio. Nova e desagradável surpresa: o **VOLP**, a bíblia da ortografia vigente no País, não é oferecido *on-line*, como deveria, para consulta de todos os fiéis. Mas o que você queria, ingênuo leitor? Acesso gratuito? Está pensando que isso é obra de benemerência? Afinal, o senhor é contra o empreendedorismo? Quer arruinar os que investiram tanto tempo e esforço para montar este esquema? O senhor tem alguma coisa contra o lucro? É anarquista? É bolchevique? Quer que Moisés mostre as Tábuas da Lei sem ganhar algum? Ledo engano, caro amigo. Vá preparando a carteira, que você vai gastar R\$ 120,00 (fica por cem, com chorinho) para ingressar neste recinto — e muito mais nos calmantes que vai ter de tomar quando perceber que comprou fruta bichada. Mas isso eu explico depois.

[publicado em ZH, 30-05-2009]